

O tango argentino

Por **Luiz Fernando de Paula**

Em viagem a Buenos Aires, ao entrar no táxi, perguntei ao taxista: "E que tal a política?" De forma ríspida respondeu: "Yo no quiero hablar de eso!", o que entendi como um sinal de insatisfação com a situação econômica (inflação) e política (desmandos do casal K, e agora da presidente Cristina).

Para entender a Argentina é necessário retroceder na sua formação histórica. Seu processo de industrialização (1946-76) foi realizado via modelo de substituição de importações, com protecionismo tarifário e políticas de Estado em prol da industrialização. Contudo, ao contrário do Brasil, o desenvolvimento da indústria nunca deixou de depender do setor agropecuário para financiar sua expansão, já que era o setor que gerava divisas para sustentar as importações necessárias ao desenvolvimento industrial. Este último nunca atingiu a densidade necessária para se "autonomizar" em relação ao setor agropecuário. Ao longo desse processo, a burguesia industrial nunca teve um projeto próprio para o país e os trabalhadores urbanos estabeleceram-se como atores decisivos na definição dos rumos do país. Assim, o período foi marcado por forte conflito social em torno da distribuição da riqueza nacional.

O governo militar do período 1976-83 implementou um projeto de liberalização da economia, buscando retornar ao modelo agroexportador. O forte endividamento externo e a especulação financeira empurraram o país nos anos 80 para a dolarização e indexação da economia, abrindo caminho para a hiperinflação. Enquanto que no Brasil a existência da moeda indexada evitou que a desmonetização da economia gerasse um processo de dolarização, na Argentina a desmonetização resultou em um aprofundamento da dolarização, com consequente atrofia do sistema financeiro.

Após tentativas frustradas de estabilização, devido à pesada carga da dívida externa, acompanhado de traumática experiência de surtos hiperinflacionários, passou-se a atribuir os desequilíbrios macroeconômicos à existência de um modelo estatista, o que permitiu a aceitação de um projeto neoliberal, consubstanciado no Plano de Conversibilidade e outras medidas liberalizantes. Tal plano foi bastante eficaz quanto à estabilidade de preços, mas revelou baixa capacidade de absorver choques externos, em função de um endividamento externo crescente. Curiosamente, a Argentina era considerada pelas agências multilaterais, como o Fundo Monetário Internacional (FMI), como exemplo a ser seguido por outros países!

O governo de Cristina K deveria dosar melhor o mix de política econômica, tornando-as menos expansionistas

A crise da Conversibilidade em 2001-02 resultou em um "terremoto" econômico-social - um crescimento negativo de 11% e uma taxa de desemprego urbano de 20% em 2002.

A combinação de uma bem-sucedida reestruturação de dívida externa, um ambiente internacional benigno (boom de commodities) e uma política econômica flexível, combinando elementos heterodoxos e ortodoxos (taxas de juros reais próximas de zero, superávit primário da ordem de 3% do PIB em 2003-08 acompanhado de aumento nos investimentos sociais, controles de capital nos moldes chileno, regime de câmbio flutuante administrado buscando manter uma taxa de câmbio competitiva e política de acumulação de reservas) permitiram uma rápida recuperação do produto (taxa de crescimento média de 6,8% em 2003-10), dos salários reais e do emprego. O "pêndulo" voltou-se para a adoção de políticas mais desenvolvimentistas.

Inicialmente a Argentina pôde conjugar crescimento econômico com equilíbrio externo (redução na dívida externa e elevados superávits em transações correntes) e equilíbrio interno (forte redução na dívida pública e inflação sob controle até 2006). A inflação abaixo de 10% ao ano tinha uma certa funcionalidade ao ajudar tanto no financiamento público quanto no financiamento privado (este dependente dos lucros retidos das firmas). A taxa de investimento subiu de apenas 10% do PIB em 2002 para mais 20% em 2007, estabilizando-se desde então. O setor industrial, virtualmente destruído pelas políticas neoliberais, ressuscitou em parte, puxado em especial pelo setor automobilístico. Todos esses indicadores indicam um círculo virtuoso de crescimento. Então qual é o problema?

O índice de preços ao consumidor (média de índices regionais) que foi de 9,4% em média em 2004-06 passou para 20,9% em 2007-10, atingindo 26% em 2010. Uma inflação dessa magnitude começa a se tornar "disfuncional" para o crescimento pois torna as taxas de juros reais negativas, corrói a taxa de câmbio real e acirra o conflito distributivo entre empresários e trabalhadores dando origem à espiral preços/salários. Parece haver um problema de dosagem na política econômica praticada na Argentina. Em condições de forte crescimento do produto e emprego na economia, o governo deveria dosar melhor o mix de política econômica, tornando-as menos expansionistas, se possível combinado com algum tipo de política de rendas. Do contrário, o governo argentino estará desperdiçando uma grande oportunidade de manutenção de uma trajetória de crescimento sustentado.

Retornando à história do taxista, depois de eu pagar a viagem, ele se despediu dizendo: "Y quieres cambiar de presidente?"

Luiz Fernando de Paula professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), é presidente da Associação Keynesiana Brasileira (AKB). E-mail: luizfpaula@terra.com.br